

EDUARDO DA MOTTA E ALBUQUERQUE

INTERNACIONALIZAÇÃO DO CAPITAL, METAMORFOSES  
DO CAPITALISMO E ELABORAÇÃO PROGRAMÁTICA:  
SOCIALISMO GLOBAL E A PERIFERIA

Recebido em 13/11/2024

Aprovado em 14/01/2025

DOI: 10.69585/2595-6892.2025.1196

# INTERNACIONALIZAÇÃO DO CAPITAL, METAMORFOSES DO CAPITALISMO E ELABORAÇÃO PROGRAMÁTICA: SOCIALISMO GLOBAL E A PERIFERIA<sup>1</sup>

## Resumo

Este artigo discute mudanças contemporâneas na dinâmica capitalista global e suas implicações para a elaboração política. Os desafios para essa elaboração programática são enormes, especialmente aqueles relacionados à internacionalização das economias – o caminho para um capitalismo global. O papel da periferia nessas metamorfoses mostra o quão estratégico ela é para a construção do capitalismo global, destacando a sua natureza como uma hierarquia global que muda ao longo do tempo. Esta avaliação introduz uma discussão sobre seis problemas contemporâneos, do aquecimento global às guerras, indicando o peso da dimensão internacional. Uma agenda para reformas globais é sugerida para enfrentar esses desafios.

**Palavras-chave:** metamorfoses do capitalismo, socialismo

EDUARDO  
DA MOTTA E  
ALBUQUERQUE

Professor titular do Departamento de Ciências Econômicas e do Cedeplar da UFMG.

Emai: [albuquer@cedeplar.ufmg.br](mailto:albuquer@cedeplar.ufmg.br)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1591-875X>

---

<sup>1</sup> Uma versão deste artigo foi apresentada na *Historical Materialism London Conference, 2024 – Stream Post-Capitalism, Session “Planning (Eco-Socialist) Futures at the Global Scale”*, no dia 7 de novembro de 2024. A tradução de uma versão deste artigo para o português foi realizada por Helena Mader. A pesquisa que o originou é apoiada pelo CNPq (Projeto 307516/2022-9). Agradeço à *Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política* pelos comentários de um parecer anônimo, que enriqueceram esta versão, além da leitura e dos comentários e sugestões de seu Comitê Editorial.

## **Abstract**

This paper discusses contemporary changes in the global capitalistic dynamic and their implications for political elaboration. The challenges for this programmatic elaboration are huge, especially those related to internationalization of economies – the road for a global capitalism. The role of the periphery in these metamorphoses shows how strategic it is for the making of global capitalism, highlighting how this outcome is a global hierarchy that changes over time. This evaluation introduces a discussion on six contemporary problems, from global warming to wars, indicating how international they are. An agenda for global reforms is suggested to face those challenges.

**Keywords:** metamorphoses of capitalism, socialism

## Introdução

Este artigo discute como as mudanças contemporâneas na dinâmica capitalista global podem ser avaliadas e interpretadas em um esforço colaborativo para atualizar um programa de superação do capitalismo. Os desafios para esta elaboração programática são enormes, mas este artigo gostaria de se concentrar em uma questão bem específica: as implicações da internacionalização das economias – o caminho para um capitalismo global – para a elaboração programática.

O capital tem um “poder de expansão” (Marx, 1867, p. 752) que não conhece fronteiras nacionais – a internacionalização do capital é uma parte inerente da dinâmica capitalista. Este processo leva a mudanças estruturais relacionadas à formação do capitalismo global. Há um amplo consenso relacionado à amplitude dos processos de internacionalização/globalização, que pode ser apreendido de diferentes instituições, cada uma lidando com diferentes aspectos dessa internacionalização – internacionalização da produção (Unctad, 2005, 2011, 2013), globalização das finanças (BIS, 2017, capítulo 5), movimentos internacionais de pessoas (World Bank, 2023). A elaboração teórica pode apontar para esse processo, com um debate sobre seu escopo e profundidade (Panitch e Gindin, 2012; Robinson, 2004).

A formação de uma economia capitalista global é um processo de longo prazo, já identificado por Marx (1867), um processo que tem uma dinâmica que deve ser investigada. Kondratiev (1926, p. 49) sugere que as mudanças estruturais que moldam ondas longas de desenvolvimento capitalista são causadas por quatro fatores diferentes, um deles sendo a “inclusão de novas regiões na economia global”. Furtado (1987) avalia como a revolução industrial está relacionada a uma nova divisão entre um centro e uma periferia, uma nova divisão internacional do trabalho, um processo que é definido por aqueles países que geram progresso tecnológico. Furtado enfatiza, portanto, a importância dessa divisão centro-periferia, uma característica estrutural de uma economia global em formação.

A partir de uma estrutura teórica baseada em Kondratiev (1926), Furtado (1987) e Cohen e Levinthal (1989), um trabalho anterior sugere que a economia global é moldada por uma interação entre forças expansivas que emanam do centro e forças assimilativas criadas na periferia (Albuquerque, 2023). O resultado dessa interação é uma economia global caracterizada por uma hierarquia global entre regiões e países. Com o tempo, essa hierarquia é remodelada por essa interação, à medida que revoluções tecnológicas ocorrem no centro, renovando as fontes de iniciativas que levam a novas reconfigurações da divisão internacional do trabalho – um componente-chave das metamorfoses do capitalismo (Furtado, 2002).

O papel da periferia nessas metamorfoses mostra como ela é estratégica para a construção de um capitalismo global, destacando como resultado uma hierarquia global – uma fonte de problemas profundos, como desigualdades globais e regionais, uma incapacidade persistente de resolver problemas humanos muito básicos e uma fonte de novos desafios para a humanidade.

Como uma característica estrutural do capitalismo global, essa hierarquia global deve ser entendida para a elaboração de uma alternativa socialista. Este artigo tem um objetivo muito simples: discutir/investigar como a dimensão internacional, global porque inclui a periferia, pode fazer parte do esforço coletivo para uma elaboração programática de uma alternativa socialista contemporânea.

Este artigo está organizado em cinco seções. A primeira apresenta notas metodológicas sobre elaboração programática. A segunda seção integra a periferia nas metamorfoses do capitalismo. A terceira foca em dimensões internacionais selecionadas para elaboração programática contemporânea, que orientam a sugestão de uma agenda de reformas globais resumida na quarta seção. A quinta seção explora como esses pontos programáticos, com sua influência mútua, podem desencadear uma dinâmica transitória em direção a um novo sistema, que deve ser tão global quanto a economia atual – o socialismo global.

## I. Notas metodológicas sobre a elaboração programática

Rosdolsky (1968, capítulo 28) é um ponto de partida para esta discussão, pois combina investigação sobre transformações do capitalismo, afetando a operação da lei do valor, e a tentativa de identificar nessa dinâmica elementos que poderiam indicar tendências de uma nova sociedade dentro do capitalismo contemporâneo: sementes visíveis do socialismo (p. 414). Uma investigação dos “limites históricos da lei do valor” deve entender as mudanças no capitalismo para elaborar um programa adequado à fase histórica atual.

A investigação das mudanças na operação da lei do valor é parte de um entendimento de seus “limites históricos”. Rosdolsky (1968) destaca o impacto da “nova revolução industrial” contemporânea e dos “desenvolvimentos da tecnologia moderna” nas possibilidades de uma transição para uma nova realidade, onde o “tempo descartável” e não o “tempo de trabalho” pode ser a forma pela qual “a riqueza social é medida” (p. 427-428). Essas notas metodológicas de Rosdolsky podem ser lidas como sugestões de que, à medida que o capitalismo impulsionado pelas revoluções tecnológicas muda, o programa para sua superação também deve ser alterado – há uma relação entre as metamorfoses do capitalismo e a elaboração programática.

Se a emergência da world.wide.web (www) pode ser interpretada como uma nova revolução tecnológica (Albuquerque, 2023, p. 194), seus desdobramentos impactaram a história da inteligência artificial, com uma nova fase a partir de 2010: big data (Russel e Norvig, 2020, seção 1.3). A fase big data, por sua vez, impulsionou novos desenvolvimentos ilustrados pela criação do ChatGPT. A importância da inteligência artificial exige discussões para a compreensão de sua natureza, no mínimo uma tecnologia de propósito geral (Trajtenberg, 2019). O caráter global das tecnologias da inteligência artificial e o seu peso em rearranjos geopolíticos atuais (Wong *et al.*, 2024; Gibney, 2025) ilustram a necessidade de permanente atualização programática.

Uma mudança fundamental na operação da lei do valor é o papel crescente da dimensão internacional. Marx (1867, p. 247) apontou que “o comércio mundial e o mercado mundial” são instituições a partir das quais “a história moderna do capital começa a se desenrolar”. Heinrich (2004, p. 217) enfatiza um processo dinâmico, pois “o mercado mundial não é apenas uma pré-condição, mas o resultado constantemente recriado do modo de produção capitalista”. Essa mudança constante na estrutura dos mercados mundiais é investigada dentro da abordagem de sistemas complexos em Melo (2024).

A interconexão do mercado mundial e a operação da lei do valor são destacadas por Rubín (1926, p. 144): “[q]uando a troca é restrita dentro das fronteiras nacionais, o trabalho abstrato ainda não existe em sua forma mais desenvolvida. O trabalho abstrato atinge sua conclusão quando o comércio internacional conecta e unifica todos os países”.

Com o tempo, o mercado mundial muda, e este é um assunto importante de pesquisa: Mandel (1972, capítulo 2) é uma boa referência para essas mudanças após quatro revoluções tecnológicas. Neusüss (1974, p. 160) é uma elaboração focada nas mudanças na operação da lei do valor após os movimentos internacionais de capital – e ela enfatiza que após a Segunda Guerra Mundial a corporação multinacional se tornou a forma mais importante de internacionalização do capital. Neusüss (p. 158) apresenta uma elaboração muito interessante sobre como a lei do valor é modificada quando opera em nível mundial, e que a corporação multinacional, com suas subsidiárias, pode modificar e/ou bloquear essas condições alteradas.<sup>2</sup>

À medida que as conexões internacionais e as organizações internacionais mudam o mercado mundial, elas apresentam um desafio para a elaboração programática: a internacionalização é uma dimensão específica das metamorfoses do capitalismo. Por um lado, seguindo a sugestão de Rosdolsky, devemos investigar como essa tendência interna do desenvolvimento

---

<sup>2</sup> A participação de Christel Neusüss no pouco conhecido, mas importante, “debate alemão sobre o mercado mundial” é descrita por Nachtwey e Brink (2008).

capitalista pode apresentar novas sementes visíveis do socialismo – esses novos desenvolvimentos podem apresentar novas oportunidades (e desafios) para a organização internacional dos trabalhadores. Por outro lado, a extensão da internacionalização na economia contemporânea cria uma fonte de problemas, uma nova fonte de crises: a incompatibilidade entre a escala e o escopo da internacionalização da economia e a falta de instituições internacionais para regulá-las e gerenciá-las.

As metamorfoses do capitalismo apresentaram novos desafios à humanidade, que podem estar relacionados não às sementes visíveis do socialismo, mas aos elementos trágicos e destrutivos que são apontados pelo *slogan* de Rosa Luxemburgo: “transição para o socialismo ou regressão à barbárie” (1915). Rosa Luxemburgo escreve da prisão, condenada por sua luta contra a guerra. Após a derrota alemã e durante o momento revolucionário na Alemanha, Rosa Luxemburgo (1918) em sua elaboração programática propõe que “todas as indústrias de guerra e munições devem ser abolidas”. Esses comentários de Rosa Luxemburgo podem ser um complemento metodológico à abordagem de Rosdolsky: a elaboração programática deve lidar com tendências destrutivas inerentes à dinâmica capitalista, mecanismos autodestrutivos. Esses mecanismos autodestrutivos podem estar relacionados a lock-ins construídos em função da lógica cega existente no feedback entre lucro e inovação, inerente à dinâmica do sistema capitalista.

Esses mecanismos autodestrutivos – que apresentam catástrofes iminentes – exigem pontos programáticos para lidar com a guerra e o meio ambiente.

Um mecanismo autodestrutivo é a consolidação de investimentos relacionados à guerra na dinâmica econômica, institucionalmente incorporados na variedade de capitalismo que se formou nos Estados Unidos durante o final dos anos 1940 e início dos anos 1950: o complexo militar-industrial como uma instituição-chave (Higgs, 1994). Essa incorporação impactou outras instituições, ilustradas pelo sistema de inovação dos Estados Unidos, que têm os investimentos relacionados à guerra como um componente

estrutural muito importante (Mowery, 2010), contribuindo inclusive para moldar a natureza dos processos inovadores no país capitalista líder. Essa dinâmica e esse arranjo institucional impactam outros países e é uma das explicações do total de gastos militares globais em 2023: US\$ 2,44 trilhões (Sipri, 2024, p. 4). Esse enorme acúmulo de recursos destrutivos impacta a sociedade global, pois surge uma lógica de que a guerra alimenta a guerra e gera vários conflitos armados (Kaldor, 2012, p. 182).

Outro mecanismo autodestrutivo é o impacto das consequências (imprevisíveis) de duas revoluções tecnológicas e do crescimento exponencial das economias capitalistas: problemas ambientais e mudanças climáticas. A segunda e quarta revoluções tecnológicas (Freeman e Louçã, 2001) são baseadas em combustíveis fósseis, carvão e petróleo, respectivamente, que a ciência descobriu que são causas do aquecimento da Terra (Nobel Prize Committee, 2021). O crescimento exponencial da economia global guiada cegamente pela conexão entre lucro e inovação – fonte de superlucros – apresenta novos problemas relacionados ao esgotamento dos recursos naturais da Terra.<sup>3</sup> Ambas as dinâmicas apresentam catástrofes iminentes que demandam novos pontos programáticos.

Em suma, as metamorfoses do capitalismo exigem para a elaboração programática a necessidade de identificar três tópicos: mudanças estruturais do capitalismo global, sementes visíveis do socialismo emergindo nessas mudanças e mecanismos autodestrutivos a serem desmontados. Além dos limites específicos da discussão realizada neste artigo, uma questão final para a discussão metodológica é a combinação entre novas questões – como as aqui discutidas – com questões estruturais, de profundo enraizamento na vida social. Um exemplo é a “questão estrutural da reprodução social no

---

<sup>3</sup> Essa orientação cega dada pela busca de superlucros poderia ser entendida usando a elaboração de Simon (1978) sobre racionalidade limitada – a impossibilidade de conhecer as consequências das decisões. Rosenberg (1996) menciona ignorância e Kahneman (2013, p. 201) discute como as crises são inconhecíveis. Algumas consequências das tecnologias eram desconhecidas quando surgiram, mas agora há uma compreensão científica das implicações das atividades humanas no clima (Nobel Prize Committee, 2021; Blake e Gilman, 2024). Portanto, hoje essa orientação cega também é injustificável – há evidências suficientes do peso das “externalidades negativas” criadas por investimentos baseados em combustíveis fósseis.

sistema capitalista global, sedimentada no patriarcado e racismo em âmbito internacional”.<sup>4</sup> Ou seja, problemas estruturais incrustados na dinâmica capitalista terminam reconfigurados pelas mudanças no sistema, como exemplificado pelo estudo de J. Smith (2016) sobre cadeias globais de valor, que reconfiguram o papel do trabalho da mulher (Smith, 2016, p. 124-132).

## **2. Metamorfoses do capitalismo e a periferia**

A formação do capitalismo global é discutida por diferentes autores, mostrando diferentes balanços sobre a dinâmica e o estágio dessa formação. Panitch e Gindin (2012) enfatizam o papel dos Estados Unidos nesse processo, enquanto Robinson (2004) avalia que um capitalismo global estaria em um estágio mais avançado.

Esta seção explora o papel da periferia nesse processo, pois o capitalismo global deve ser interpretado como um sistema que desde seu início inclui novas regiões e se expande para atingir um ponto hoje em que está presente em todos os lugares. Neste sistema global, onde os estados-nação são suas unidades, o papel da periferia é uma parte importante das metamorfoses do capitalismo. Como esta seção discute, a periferia não tem um papel passivo e, ao longo do tempo, impacta a dinâmica no centro. Ao longo do tempo, há diferentes papéis da periferia, e sua heterogeneidade aponta para diferentes papéis de diferentes regiões e diferentes conexões entre o centro e a periferia.

### **2.1. A interação entre forças expansivas e assimilativas que moldam uma hierarquia global**

As forças expansivas que emanam do centro e as forças assimilativas criadas na periferia ao longo do tempo têm influência mútua, ambas impactam

---

<sup>4</sup> Essa questão foi apresentada pelo parecer anônimo preparado para a revista – de onde cito o trecho acima. Agradeço a crítica e a sugestão, que me levaram a propor esta última nota metodológica, inspirada no parecer que comentava se tratar de tema abordável a partir de Engels ou de resultados de pesquisa acadêmica mais recente, como nos trabalhos de T. Bhattachary – velhos temas com novas questões e abordagens.

e são impactadas uma pela outra, formando uma interação que molda a economia global. Essa interação, desde a Revolução Industrial, configurou e reconfigurou a economia global.

Essa interação está na raiz da expansão do capitalismo (Albuquerque, 2023). Essa interação sugere que a periferia não é uma região global passiva, moldada apenas pelas forças expansivas que emanam do centro. Pelo contrário, instituições são construídas para aprendizado e assimilação tecnológicos – sistemas de inovação –, que dependem fortemente de condições políticas – a independência política é um fator-chave para a formação de sistemas de inovação. A raridade de processos de catch-up bem-sucedidos é uma evidência de quão difícil é esse processo (Lee, 2019, p. 22). As diferentes forças assimilativas construídas na periferia definem até onde um país/região pode chegar na absorção de tecnologias geradas no centro. Essas forças assimilativas desiguais moldam uma periferia heterogênea.

A influência mútua entre forças expansivas e assimilativas molda uma dinâmica peculiar na economia global (Albuquerque, 2023).

Por um lado, o crescimento das forças assimilativas impacta as forças expansivas de várias formas. À medida que a assimilação cresce na periferia, a lógica de expansão também deve mudar, surgem novos núcleos de acumulação capitalista que se desenvolvem em todo o mundo, com diversas consequências, como mercados maiores para importações, novas capacidades que apresentam novas demandas industriais por bens de capital, novas capacidades técnicas e de engenharia que podem atrair multinacionais para construir subsidiárias para aproveitar esses novos recursos etc.

Por outro lado, mudanças nas forças expansivas impactam as forças assimilativas, à medida que novos alvos para o aprendizado tecnológico aparecem, novas importações podem posteriormente impulsionar novas políticas de substituição de importações, novas instituições do sistema de inovação devem ser construídas, etc.

A ênfase nessa interação, nessa influência mútua entre forças que emanam do centro e forças criadas na periferia, é importante para destacar o papel da periferia na configuração da economia global. A economia global é organizada por essa interação como uma hierarquia global, uma divisão internacional do trabalho, definida por uma dinâmica mutável entre um centro e uma periferia.

Essa hierarquia global é preservada e transformada, ela muda ao longo do tempo. Ela é preservada à medida que a divisão entre um centro e uma periferia persiste. E ela é transformada, à medida que países/regiões mudam seus papéis nessa hierarquia – processos de industrialização, novas demandas por recursos naturais, políticas industriais, transformam países periféricos, significando novas posições na divisão internacional do trabalho. A hierarquia global se torna mais heterogênea, com mais e novas conexões, mais empresas, mais produtos, diferentes recursos naturais demandados por novas tecnologias e mudanças nos hiatos de tecnologia e de renda.

## **2.2. Organizações e mercados no nível mundial**

Simon (1991) apresentou um balanço para a economia dos Estados Unidos sobre a relação entre essas instituições que organizam o capitalismo, mostrando que “[a] grande parte do comportamento do sistema agora ocorre dentro de firmas, e não consiste apenas em trocas de mercado” (p. 25). A “ubiquidade” das organizações é um tópico importante do artigo de Simon, que conclui avaliando que “[a]s economias da sociedade industrializada moderna podem ser mais adequadamente rotuladas como economias organizacionais do que como economias de mercado” (p. 42).

Essas mudanças estruturais derivadas das interações entre mudanças nas fronteiras das firmas e mudanças nos mercados são constitutivas de metamorfoses do capitalismo. A questão agora é como essas mudanças se aplicam à arena internacional.

Como uma mudança importante nas fronteiras das empresas durante o século XX foi sua capacidade de construir subsidiárias em países estrangeiros,

a questão apresentada por Simon no nível nacional também pode estar presente no nível internacional. Hymer (1970), seguindo Coase e Chandler, sugere que “[c]ada etapa na evolução da empresa empresarial teve implicações importantes para a estrutura da economia internacional” (p. 442). Mais especificamente, “[c]orporações multinacionais são um substituto para o mercado como um método de organização de troca internacional” (p. 441). Como entidades de planejamento internacional, coordenando a produção entre diferentes países, criando subsidiárias e uma divisão internacional de trabalho intrafirma, as corporações multinacionais criam novas camadas de hierarquia com a economia global.

Com o tempo, o crescimento da escala e do escopo das transnacionais, até um ponto em que o comércio global é dominado por empresas transnacionais (BIS, 2017, p. 102), novas reconfigurações ocorrem e as empresas multinacionais se tornam organizadoras de cadeias de valor globais, empregando diversas formas contratuais para a produção internacional (Unctad, 2013, p. 140). Essas mudanças significam novas formas de hierarquia, agora envolvendo modo de produção intrafirma, não acionário e muitas relações contratuais diferentes: os mercados se tornam uma ferramenta para as empresas transnacionais planejarem atividades globais.

As corporações transnacionais e suas cadeias de valor globais são novas formas de conexões dentro da hierarquia global que é a economia mundial. Neste tópico, a interação entre forças expansivas e assimilativas também é transformada, à medida que os países periféricos começam a sediar empresas transnacionais (Unctad, 2006) – as corporações transnacionais são uma forma de assimilação de novas tecnologias e outra forma de conexão com o centro.

A intensidade da internacionalização do capital promovida pelas corporações transnacionais cria um descompasso importante na economia global, pois não há uma instituição transfronteiras para regulá-las: isso pode ser uma fonte importante de desequilíbrios que se tornam fonte de crises.

Propostas como um imposto global sobre o capital podem ser um ponto de partida nesse sentido (Piketty, 2013, capítulo 15).

### **2.3. Hierarquia global e mudança na divisão internacional do trabalho**

O resultado da interação entre forças expansivas e assimilativas é uma hierarquia global, basicamente uma hierarquia entre um centro e uma periferia, como a abordagem estruturalista sugeriu (Furtado, 1987). A divisão entre o centro e a periferia não é estática, mudando ao longo do tempo à medida que as revoluções tecnológicas no centro impactam a periferia, e a periferia aprende a absorver pelo menos parte das novas tecnologias (Chaves *et al.*, 2020). Há uma sequência de divergência e convergência entre esses dois polos da economia global, à medida que o domínio das forças expansivas ou assimilativas muda.

Tanto o centro quanto a periferia são heterogêneos, pois uma miríade de variedades de capitalismo pode ser uma indicação da diversidade econômica.

O centro pode ser dividido inicialmente pelo país líder e hegemônico e o resto do centro – ser o país hegemônico importa, especialmente pelas vantagens derivadas de uma hierarquia monetária internacional, que dá à moeda líder “privilégios exorbitantes” (Eichengreen, 2011). Essa hierarquia – e suas mudanças ao longo do tempo – podem ser indicadas pela posição da libra esterlina no final do século XIX (Eichengreen, 2008, p. 20) e pela posição do dólar americano após a Segunda Guerra Mundial (Guttman, 2022, p. 75-77). Guttman (p. 20-23) discute as pré-condições para ser o emissor de “dinheiro mundial”, que depende de capacidades econômicas e tecnológicas – relacionadas às condições para ter iniciativa para configurar a divisão internacional do trabalho: “a economia que ... gerou progresso tecnológico” (Furtado, 1987, p. 219).

A periferia é heterogênea, e com o tempo essa heterogeneidade aumenta. As raízes dessa crescente heterogeneidade são a força/limitações das forças assimilativas em cada região. Furtado (1987, pp. 220-221) apresenta tipologia

de diferentes habilidades de regiões periféricas para manter domesticamente a riqueza criada por sua participação na divisão internacional do trabalho. Em um extremo, há uma condição colonial pura, na qual o excedente é completamente apropriado pelo centro (p. 220), e no outro extremo há uma condição em que o Estado e as elites domésticas podem ficar com uma grande parte do excedente (p. 221) – esse tipo pode eventualmente alcançar um catch-up bem-sucedido.

Essas diferentes estruturas econômicas construídas em países periféricos explicam sua heterogeneidade.

Como ilustração de um extremo, a operação exclusiva de forças expansivas do centro, em movimentos buscando diferentes recursos naturais demandados após diferentes revoluções tecnológicas, temos o caso do Congo contemporâneo. Kara (2023, p. 15) apresenta uma descrição muito pedagógica dessas mudanças, já que o Congo é “lar de alguns dos maiores suprimentos de quase todos os recursos que o mundo desejava, frequentemente na época de novas invenções ou desenvolvimentos industriais”: do marfim na década de 1880, borracha na década de 1890 e, finalmente, “cobalto para baterias recarregáveis” (década de 2010). Essa riqueza de recursos explorados não levou a uma transformação da economia do Congo de um país minerador para pelo menos o início da industrialização.

O outro extremo pode ser ilustrado pelo Leste Asiático, onde países ainda periféricos como China, Tailândia, Malásia, estão desenvolvendo alguma absorção de tecnologias relacionadas a semicondutores, na medida que suas empresas fazem parte de redes globais que os produzem. Essa participação pode ser uma indicação do tamanho dos investimentos domésticos necessários para entender e aprender a lidar com essas tecnologias. Esses avanços das forças assimilativas, especialmente no caso da China, provocam reação nos países líderes, que reenergizam seus investimentos tecnológicos, uma mudança na operação das forças expansivas no centro (Wong *et al.*, 2024).

Entre esses extremos, há regiões periféricas que foram incluídas na economia global após a revolução tecnológica do motor de combustão (a quarta

revolução tecnológica em Freeman e Louçã, 2001), que detonou a busca por reservas de petróleo em todos os lugares: Rússia, Irã, países do Mena, alguns países da África subsaariana e alguns países da América Latina foram transformados por essa enorme demanda. Com o tempo, a natureza dessa relação mudou, com alguns países apenas extraindo petróleo e outros refinando-o e, eventualmente, desenvolvendo alguns setores da indústria petroquímica. Essas formas diferenciadas de conexão com a economia global significam diferentes níveis de desenvolvimento econômico, mas também mostram como esse tipo de conexão pode levar ao comportamento predatório de empresas transnacionais e elites locais. Essas diferentes formas de conexão introduzem uma especificidade nos mecanismos autodestrutivos na periferia, pois nela podem operar incentivos fornecidos desde o centro para a busca de lucros através de padrões predatórios de atividade econômica (Albuquerque e Faria, 2019).

A hierarquia global, ao promover conexões desiguais (preferenciais, selecionadas) entre o centro e as regiões periféricas, é reproduzida – propriedades fractais do capitalismo global? – localmente, ampliando a desigualdade dentro da periferia.

Essa economia global, com sua hierarquia, é uma consequência de formas de forças expansivas: colonialismo na África. Michalopoulos e Papaioannou (2020, p. 58-81) pesquisam o papel do colonialismo como um legado histórico, que tem impactos negativos nas perspectivas de desenvolvimento contemporâneas.<sup>5</sup> Um legado importante é a fragmentação política da região subsaariana, com fronteiras artificiais de estados-nação dividindo comunidades étnicas e linguísticas (p. 89): essa partição, um legado da “Scramble for Africa”, pode ter impacto nos níveis atuais de violência na região (p. 89). A fragmentação política é apenas um dos problemas do legado colonial.

---

<sup>4</sup> W. Rodney está entre os trabalhos citados por Michalopoulos e Papaioannou (2020): o livro *How Europe underdeveloped Africa* é uma referência geral para a história colonial da África (p. 59), para uma discussão das instituições coloniais (p. 63) e como inspiração para a hipótese da existência de “slavery-induced predatory institutions” (p. 100). Agradeço ao parecer anônimo pela referência à obra de W. Rodney (1972).

Uma biografia de Franz Fanon menciona como a associação entre imperialismo e racismo, ressaltados por H. Arendt, foi antecipada por Césaire, que afirma que “a violência colonial estabeleceu as bases necessárias para o racismo, a perseguição e o assassinato em massa que o nazismo infligiria no continente europeu” (Shatz, 2024, p. 120).

Fragmentação política – importante também em regiões da América Latina –, fronteiras artificiais – provavelmente relevantes para partes do Oriente Médio –, são elementos da configuração da hierarquia global discutida nesta seção, pois podem enfraquecer conexões regionais com países vizinhos e fortalecer conexões diretas entre regiões periféricas específicas e países no centro (exemplo na América Central). E esse tipo de conexão favorece a condição do centro para definir o papel dessa região periférica na divisão internacional do trabalho.

A inclusão de países da antiga URSS na divisão internacional do trabalho enfatizou o novo potencial de países como a Rússia como fonte de recursos minerais, especialmente petróleo, sem maiores esforços para reorganizar a nova ordem após o fim da Guerra Fria. Por um lado, esses incentivos para a consolidação do papel da Rússia como um país exportador de petróleo também favorecem o lado predatório do crescimento econômico. Por outro lado, esse rearranjo pode estar por trás da escalada da violência naquela região periférica da economia global.

E, finalmente, quando os países mostram potencial para um catch-up bem-sucedido, reações do centro surgem para tornar essa trajetória mais difícil. Wong *et al.* (2024) é uma boa ilustração desses novos problemas difíceis – problemas geopolíticos são parte dos desafios que um país pode enfrentar para ter sucesso no “caminho estreito” que leva ao catch-up (Lee, 2019). Problemas geopolíticos são traduzidos em objetivos militares e gastos com armas, reforçando a lógica por trás do complexo militar-industrial na economia global.

Em suma, as metamorfoses do capitalismo, resultado da interação entre forças expansivas e assimilativas, configuram e reconfiguram uma hierarquia

global que define a economia mundial contemporânea. Esta hierarquia global é um problema que o sistema capitalista não é capaz de resolver, e sua organização incorpora na economia global problemas que devem ser enfrentados como problemas internacionais. As notas introdutórias sobre a hierarquia global e os problemas relacionados criados por ela são um guia para a definição de tópicos-chave que são desafios para uma elaboração programática.

### **3. Desafios transfronteiras para a elaboração programática**

A organização da economia global como uma hierarquia global é simultaneamente um problema e uma causa de outros problemas. Como a natureza global do sistema existente é cada vez mais sentida através da multiplicação de conexões internacionais e movimentos e fluxos transfronteiras discutidos na seção 2, não é possível lidar se limitando ao horizonte interno de estados-nação.

Esta seção lista seis problemas estruturais, desafios contemporâneos, investigando como eles são consequência da configuração global do sistema capitalista apresentada na seção anterior.

#### **3.1. Persistência do subdesenvolvimento, desigualdade e capitalismo predatório**

A natureza hierárquica da economia global discutida na seção anterior incorpora o subdesenvolvimento como uma armadilha histórica (Furtado, 1992, p. 37-57). Esta armadilha histórica pode ter raízes em um impacto específico das forças expansivas nos países periféricos, pois podem significar inicialmente um crescente hiato de renda e um aumento no atraso relativo dos países. Historicamente, as forças expansivas não operam restrições importantes ao livre fluxo de ideias e tecnologias. Ilustrações dessas barreiras são a proibição britânica de exportações de máquinas no início do século

XIX e os movimentos do final do século XX para fortalecer os direitos de propriedade intelectual.

A reprodução doméstica da hierarquia global, relacionada à desigualdade dentro de países periféricos, é um fator de bloqueio para economias de escala necessárias para importantes feedbacks positivos do desenvolvimento econômico. Legados dos tempos coloniais, especialmente onde a fragmentação política é uma realidade, também são importantes mecanismos autossustentáveis que preservam a armadilha do subdesenvolvimento.

A iniciativa do centro de organizar a divisão internacional do trabalho significa um forte incentivo para que regiões e países da periferia obtenham excedentes da produção agrícola e de mineração, criando lock-ins em economias atrasadas que preservam as raízes do subdesenvolvimento. O tipo de conexão estabelecida entre o centro e os países periféricos ricos em minerais representam mecanismos autossustentáveis que renovam os vínculos hierárquicos conforme a demanda muda no centro após novas revoluções tecnológicas. Além disso, ganhos fáceis de dinâmicas predatórias também são um fator de bloqueio de uma dinâmica de crescimento mais virtuosa, além de uma fonte de novos problemas relacionados ao meio ambiente e à saúde.

As forças assimilativas que operam na periferia vêm mudando os pesos econômicos relativos da região em relação ao centro, e isso é uma fonte de um tipo de descompasso global entre os dois grandes blocos da hierarquia global: essa crescente relevância econômica, científica e tecnológica da periferia não se traduz em rearranjos institucionais para essa nova realidade. Esse tipo de descompasso pode ter sido uma fonte importante da crise de 2007-2008, por exemplo (Wade, 2010).

### **3.2. Aquecimento global e catástrofes ecológicas**

A economia global com sua hierarquia global conecta o centro e a periferia no lock-in dos combustíveis fósseis (Soares, 2024, capítulo 1). A divisão internacional do trabalho, transformada ao longo do tempo à medida que as

Companhias Internacionais de Petróleo, Companhias Nacionais de Petróleo e Companhias de Serviços de Petróleo mudam seus papéis após eventos políticos e tecnológicos, mostra como esse lock-in global (Beyazay-Odemis, 2016) é muito difícil de quebrar. A formação longa e global desse lock-in envolve uma divisão internacional do trabalho com países especializados no fornecimento de petróleo – um componente dos problemas discutidos em relação ao desenvolvimento, incluindo incentivos persistentes a práticas predatórias como o risco de extração de petróleo na região amazônica. Este lock-in global, organizado hierarquicamente a partir do centro, inclui seus países, ilustrado pelo recente boom do fracking – relacionado à “revolução do xisto” (The Economist, 2024).

Este lock-in global é uma fonte importante do impacto humano nas mudanças climáticas (Nobel Prize Committee, 2021). Este problema-chave da humanidade é um problema internacional, certamente sem condições de ser resolvido em um único país.

A hierarquia global que molda a exploração de recursos minerais no Congo, conforme discutido acima, também causa problemas ambientais, relacionados ao desmatamento lá. Mapas que indicam recursos minerais dentro das florestas de hoje podem ser um guia para os problemas derivados da expansão das atividades de mineração – na periferia – para atender a demanda no centro por novos produtos.

### **3.3. Doenças infecciosas emergentes e saúde global**

A orientação cega do vínculo lucro-inovação levou aos problemas relacionados ao meio ambiente discutidos na subseção anterior. Esta forma de relação econômica com a natureza está por detrás de potenciais novas doenças infecciosas – a Covid-19 é a última pandemia de uma longa lista (Gatti *et al.*, 2021). O capitalismo global é um sistema complexo que interage com outros sistemas complexos – nossa biosfera e nosso planeta. Doenças nunca conheceram fronteiras nacionais (Porter, 1998). O

fortalecimento das interconexões ao redor do mundo apenas acelera uma dinâmica antiga.

Como as doenças não conhecem fronteiras nacionais, a saúde se torna uma questão internacional, também por causa dos vínculos transnacionais na produção de medicamentos, vacinas e conhecimento médico. O monitoramento muito básico de potenciais doenças emergentes exige cooperação internacional. A Covid-19 é uma evidência da “desproporção entre o risco de pandemia e o investimento em saúde pública global” (Tooze, 2021, p. 34).

### **3.4. Despesas militares e guerras**

As despesas militares globais atingiram um total de US\$ 2,44 trilhões em 2023 (Sipri, 2024, p. 4). Este enorme desperdício de recursos, certamente relacionado ao poder necessário para manter posições hegemônicas – Arrighi (1994) associa isso ao poder econômico e militar. O poder militar está correlacionado às condições geopolíticas que sustentam a hierarquia global discutida na seção dois.

Este enorme desperdício de recursos está estruturalmente relacionado a uma característica da variedade de capitalismo construída nos Estados Unidos pós-Segunda Guerra Mundial, onde o complexo militar-industrial é um componente-chave de sua dinâmica. Esta característica estrutural é copiada por outras variedades de capitalismo hoje, levando ao tamanho dos gastos globais com recursos militares – um aparato destrutivo.

Esta lógica é inerente à atual variedade de capitalismo prevalente nos Estados Unidos e afeta outros setores. Um impacto no tamanho e papel do Estado em países desenvolvidos: gastos com armas e despesas relacionadas moldam prioridades, definem uma forma de presença global e definem a lógica da guerra globalmente. O resultado é uma realidade na qual, além da guerra na Ucrânia e dos conflitos no Oriente Médio, há mais de cinquenta guerras relatadas pelo Sipri (2024, p. 3). Todas elas estão na periferia (Geneva Academy, 2024). Países em guerra sofrem destruição, mortes,

queda na expectativa de vida, em suma, impacto negativo em suas perspectivas de desenvolvimento.

O peso do complexo industrial-militar leva a outras alocações inadequadas, dado o impacto de objetivos militares na “direção do progresso tecnológico”, que podem fortalecer mecanismos autodestrutivos.

A acumulação global de recursos destrutivos relatada pelo Sipri (2024, p. 4) é ainda mais perigosa na conjuntura atual definida pela “turbulência sistêmica” de Arrighi: o risco de escalada militar e conflito em mudanças geopolíticas não é um problema menor, como o Relógio do Juízo Final mostrava no início de 2024.

### **3.5. Descompasso criado pela internacionalização do capital**

O nível de interconexão da economia global é objeto de diversas investigações. BIS (2017, capítulo 6) descreve o nível de globalização da produção e sua relação com a globalização das finanças (p. 97, p. 102). Agora, especialmente após a guerra na Ucrânia e a intensificação do conflito geopolítico, há uma preocupação com a desglobalização (LEE, 2024), uma espécie de rearranjo das cadeias de valor globais seguindo esses novos movimentos do país líder (Wong *et al.*, 2024). Esses rearranjos conjunturais, no entanto, não parecem apontar para um retorno às políticas estritamente dentro das nações – há rearranjos nas conexões internacionais.

Além disso, a intensidade das transformações trazidas pelas corporações transnacionais na medida em que se tornaram a forma dominante de organização da produção levou a mudanças que já estão inscritas na dinâmica global do sistema.

Uma consequência importante é um descompasso entre as instituições reguladoras do capitalismo, ainda basicamente no nível do Estado-nação, e o nível de internacionalização das atividades econômicas impulsionadas pela internacionalização do capital. Hymer (1970, p. 447-448) aponta para essa contradição, enquanto Panitch e Gindin (2012, p. 5) articulam a criação

do capitalismo global com a liderança dos Estados Unidos – o gerente de um capitalismo global em formação. Esse descompasso é mais evidente durante as crises, conforme ilustrado pela ação do FED dos EUA como um credor global de último recurso informal em 2008 (Tooze, 2018, p. 202-203). Esse descompasso é um elemento crucial da economia global contemporânea, provavelmente uma nova fonte de crises.

Outro descompasso é entre a internacionalização do capital e a fraqueza da organização internacional do trabalho, certamente uma fonte de flexibilidade para o capital e vantagens da multinacionalidade – descompasso relacionado à desigualdade. Outra questão relacionada ao trabalho em nível internacional é a intensificação dos movimentos migratórios internacionais (World Bank, 2023). A migração é uma fonte de força do centro capitalista, pois atrai força de trabalho valiosa para seu crescimento econômico. No entanto, esses movimentos são fonte de novos problemas, nos países centrais e nos países periféricos que às vezes perdem pessoas qualificadas formadas por suas instituições rudimentares de seus sistemas de inovação imaturos. A falta de verdadeira liberdade de movimentos internacionais e a falta de direitos de cidadania que transcendem as fronteiras nacionais são problemas que também podem ser identificados nos desajustes institucionais entre o nível de internacionalização e a fraqueza da organização internacional do trabalho e novas instituições para lidar com isso.

### **3.6. Vantagens para o emissor de dinheiro mundial**

A organização hierárquica do sistema monetário mundial é uma fonte adicional de problemas para os países periféricos em geral. Guttman (2022, p. 13) sugere uma “pirâmide monetária internacional”.

A história do dólar como moeda mundial mostra a margem de manobra que essa posição hegemônica permite: Bretton Woods (1944), o fim de Bretton Woods (1971), o Acordo de Plaza (1985), o Acordo de Plaza reverso (1995), são ilustrações de mudanças dentro de uma hierarquia entre países

desenvolvidos (Guttman, 2022, p. 75-77 e 84-85; Brenner, 2006, p. 206-208 e 290). Essa hierarquia monetária – a “pirâmide monetária internacional” (Guttman, 2022, p. 12-14) – tem impactos ainda mais fortes na periferia, em uma forma que eventualmente torna o uso das finanças internacionais mais desafiador para os países periféricos (BIS, 2022, p. 11).<sup>6</sup>

Guttman discutindo essa pirâmide localiza países periféricos apenas em uma quarta camada (Brasil, África do Sul, Rússia), de “moedas de commodities”. Essa elaboração é interessante aqui porque conecta os movimentos dessas moedas à posição de seus países na divisão internacional do trabalho, conforme discutido na seção anterior. Para Guttman, “[a]s taxas de câmbio dessas moedas se movem em estreita correlação com os preços do mercado mundial das *commodities* que esses países se especializam em exportar, desde que essas exportações de *commodities* representem pelo menos um quarto ou mais de suas receitas totais de exportação” (2022, p. 13). Todo esse processo pode ser interpretado como mais pressão para a preservação de posições de meros produtores de minerais no mercado global, pressão para consolidação da hierarquia global.

#### **4. Uma agenda para reformas globais**

Esses seis problemas são internacionais. Portanto, há a necessidade de uma agenda para reformas globais, cada uma lidando com um desses tópicos. Mas eles também estão inter-relacionados – sistemas complexos -, em uma rede de múltiplas influências. Esse fenômeno adiciona mais uma questão a toda a dinâmica, pois cada um desses problemas é internacional e cada um

---

<sup>6</sup> De acordo com o BIS (2022, p. 11), “o modelo tradicional de pagamentos transfronteiras apresenta ainda mais desafios para mercados emergentes e economias em desenvolvimento”. Pagamentos transfronteiriços “são frequentemente liquidados em um punhado de moedas dominantes e a negociação de câmbio envolvendo pares de moedas não dominantes permanece limitada. Isso expõe os países emergentes a efeitos colaterais das políticas monetárias de jurisdições das quais a moeda estrangeira se origina, bem como riscos de estabilidade financeira associados, como ciclos de crédito. O papel internacional limitado de muitas moedas locais de países emergentes também levanta a questão do acesso à liquidez para essas economias em tempos de turbulência financeira global”.

deles está relacionado a outros: eles não podem ser resolvidos nem em um país, nem separadamente.

As respostas para esses seis desafios podem ser pontos de partida para uma elaboração programática. Cada um desses seis tópicos programáticos envolve uma enorme elaboração teórica, muitas das quais já estão em andamento – o objetivo desta seção é listar alguns pontos muito introdutórios, identificar especialmente sua natureza internacional inerente e sugerir como eles estão inter-relacionados.

#### **4.1. Desarmamento e reconversão industrial (I)**

O primeiro passo é uma proclamação internacional do fim do uso de meios militares para a solução de problemas e cessar-fogo para todos os conflitos existentes. Este primeiro passo internacional precisa ser conectado à formação de instituições de paz que devem gerenciar a desmobilização de tropas globalmente e criar instituições para monitorar a paz e acabar com as hostilidades.

A desmobilização dos complexos militares-industriais de base nacional, responsáveis pelos gastos de US\$ 2,44 trilhões em armamentos em 2023, é um passo subsequente: trata-se de uma conversão dessas indústrias para usos civis, assunto que a literatura sobre “dividendo da paz” após o fim da Guerra Fria pode ser uma referência inicial para os ganhos que podem impactar a economia global (Brzoska, 2007, p. 1181-1184). A reconversão de uma produção militar para prioridades pacíficas também pode usar as experiências de reconversões anteriores, especialmente a reconversão posterior à Segunda Guerra Mundial (Alexander, 1994).

A inserção do complexo militar-industrial na estrutura do capitalismo atual é a fonte de um forte lock-in na economia global, que exige políticas concertadas para quebrá-lo. A dimensão internacional desse esforço pode ser refletida também no tipo de planejamento, transfronteiras, necessário para a reconversão da economia militar para usos civis. Essa reconversão, como Brzoska (2007, p. 1180) observa, envolve também transformação nas

prioridades de pesquisa e novos usos para recursos científicos e tecnológicos no setor militar.

## **4.2. Energia limpa e reconversão industrial (2)**

As transformações para lidar com as mudanças climáticas exigem uma forte cooperação internacional, exigindo passos em direção às instituições planetárias (Blake e Gilman, 2024, capítulo 6), e fornecem evidências importantes sobre os limites dos Estados-nação para lidar com elas. O forte lock-in criado pela complexa rede que envolve extração de petróleo, refino, distribuição e a rede de transporte dependente de petróleo demanda um conjunto de reformas importantes que incluem outra reconversão industrial: de combustíveis fósseis para energia limpa. Da decisão de não explorar novas reservas para construir nova infraestrutura baseada em energias limpas, essa reconversão industrial demanda cooperação e planejamento transfronteiras.

Este ponto programático também está relacionado a mudanças econômicas que desmontem incentivos a dinâmicas predatórias, um tópico relacionado a outros pontos, especialmente a superação do subdesenvolvimento. O legado predatório espalhado pelo mundo exige um tipo especial de investimentos, com objetivos reparatórios – que podem incluir questões como reflorestamento, desconstrução de barragens com rejeitos de mineração, grandes investimentos em reciclagem etc.

## **4.3. Prevenção de pandemias e saúde pública global**

A pandemia de Covid-19 destaca como os problemas de saúde são uma questão internacional, exigindo ação internacional. Demandas por tais iniciativas internacionais fizeram parte das discussões em 2020.

A dimensão internacional em saúde, por um lado, exige monitoramento e prevenção de pandemias que estão relacionadas a como nós, humanos, lidamos com a natureza (Gatti *et al.*, 2021), por outro lado, uma formação de instituições de saúde para lidar com novas doenças emergentes.

A formação de um sistema de bem-estar global é um tópico antigo nas discussões de economistas do desenvolvimento (Rosenstein-Rodan, 1984, p. 221).<sup>7</sup> Sua formação já tem algumas raízes iniciais em instituições internacionais como a Organização Mundial de Saúde, na força da colaboração internacional em ciência, nas atividades internacionais de corporações transnacionais neste setor. O setor de saúde tem uma estrutura peculiar, como um sistema de inovação setorial muito internacionalizado – uma ilustração deste arranjo institucional é apresentada por Binz e Truffer (2017), que exemplificam sua sugestão de um sistema de inovação global com um “hipotético sistema de inovação global em saúde” (p. 1288).

Esses dois arranjos institucionais podem ser importantes para uma nova dinâmica construída sobre uma prioridade, internacional, para a saúde pública. Franco et al. (2022, p. 8-9) exploram como eles estão interconectados e relacionados à lógica dos bens públicos globais.

#### **4.4. Benefícios da multinacionalidade compartilhados globalmente**

A ascensão da corporação transnacional como a unidade microeconômica básica do capitalismo contemporâneo traz novas questões para a elaboração programática.

Primeiro, a necessidade de compartilhar com a sociedade os benefícios da multinacionalidade, já que a presença em diversos países é uma fonte de vantagens comparativas (Dunning e Lundan, 2008, p. 101), de lucros extras. Uma medida inicial poderia ser a proposta de Piketty de um imposto global sobre o capital (2013, capítulo 15). Este imposto global precisaria de uma instituição internacional para administrá-lo, provavelmente com prioridade para ser investido na erradicação da pobreza e na melhoria das condições de trabalho.

---

<sup>7</sup> Avanços na construção de um sistema de bem-estar global certamente provocarão mudanças nos problemas derivados da forma da reprodução social no sistema capitalista, na “esfera doméstica, do cuidado, da reprodução da vida” – observação derivada de uma sugestão de um parecer anônimo desta revista, que agradeço.

Segundo, desajustes importantes que surgem da internacionalização do capital precisam ser institucionalmente abordados. Por um lado, iniciativas de trabalhadores devem construir redes internacionais de comissões auto-organizadas, dentro das empresas e suas cadeias de valor, uma organização de trabalhadores simétrica à organização internacional do capital. Simultaneamente, movimentos políticos pela liberdade internacional de movimentos de pessoas corresponderia à liberdade de movimento atualmente desfrutada pelo capital. Por outro lado, instituições internacionais para lidar com corporações internacionais devem ser formadas, para regulá-las e ter poder político e econômico suficiente para orientá-las a se ajustarem às duas reconversões industriais internacionais relativas ao desarmamento e à energia limpa (discutidas nas subseções 4.1 e 4.2), e para desmontar incentivos à atividade econômica predatória.

#### **4.5. Uma nova arquitetura financeira**

Uma nova arquitetura financeira global é necessária para superar problemas contemporâneos derivados do “privilégio exorbitante” conquistado pela moeda do país líder como moeda mundial, por um lado, e para resolver os enormes problemas em que os países com moedas nos níveis mais baixos da pirâmide monetária internacional incorrem para participar de transações internacionais.

Mudanças na arquitetura financeira global são extremamente difíceis, dada a associação entre o país hegemônico e a posição internacional de sua moeda, destacada por Preobrajensky (1926, p. 176), que também associa supremacia econômica e poder militar, antecipando-se à elaboração de Arrighi (1994). Essa articulação explicita a enorme resistência a alterações que afetem o “privilégio exorbitante”. Um exemplo dessa dificuldade é a posição atual da moeda chinesa no cenário mundial, bastante abaixo do peso do país tanto na economia mundial como no comércio mundial (McGuire *et al.*, 2024, p. 4). Adicionalmente, há um forte elemento inercial nessa posição, explicitada pela persistência do papel da libra até meados da década de

1950, apesar da perda da posição hegemônica do Reino Unido desde antes da Segunda Guerra Mundial (Schenck, 2010).

A elaboração de uma moeda internacional administrada por instituições internacionais pode ser um passo nessa direção. Os passos iniciais dessa reforma podem seguir as sugestões apresentadas por Guttman (2022, p. 295-297).

#### **4.6. Desenvolvimento global**

Uma nova arquitetura financeira seria uma mudança favorável para quebrar a natureza hierárquica da economia global. A cooperação global para o desenvolvimento pode se concentrar no fortalecimento das forças assimilativas. Como a formação e o aprimoramento de sistemas de inovação são o fator-chave para a assimilação, países e regiões menos desenvolvidos podem se beneficiar do surgimento de um sistema global de inovação, que pode expandir as conexões globais de forma menos hierárquica. Instituições locais articuladas com um sistema global de inovação podem construir capacidades científicas e tecnológicas para integrar o país/região nos esforços internacionais relacionados à prevenção de pandemias e ao desmonte de atividades econômicas predatórias.

As instituições de um sistema global de bem-estar emergente podem acelerar a superação da pobreza, avançar no controle de doenças preveníveis e incluir mais regiões em pesquisas e investimentos relacionados à saúde.

O planejamento de investimentos gerados pela reconversão de gastos militares e para energia limpa pode incluir como destinos as regiões mais pobres do mundo, com feedbacks positivos que podem emergir de uma perspectiva mais ampla vinculada a mais iniciativas transfronteiras.

### **5. Reformas globais: uma trajetória em direção à superação do capitalismo**

Esses seis pontos programáticos são elaborados de acordo com as notas metodológicas da seção um: após uma avaliação introdutória das mudanças

estruturais no capitalismo global, foca-se nos seus elementos internacionais, buscando identificar, por um lado, sementes visíveis do socialismo e, por outro lado, mecanismos autodestrutivos. As duas reconversões industriais estão relacionadas à erosão de mecanismos autodestrutivos, e o surgimento - ou o caminho para - de um sistema de bem-estar global e um sistema de inovação global podem ser etapas possibilitadas por sementes visíveis do socialismo.

A apresentação desses seis pontos para elaboração programática apresenta uma questão tratada anteriormente e duas novas questões. Como discutido na seção um, esses tópicos são apenas parte de uma elaboração programática mais completa e abrangente - fica a questão de como esses pontos se articulam com os demais tópicos de uma alternativa socialista. As novas questões tratam da dinâmica específica que pode ser provocada por essas reformas: 1) Como elas podem interagir, abrindo espaço para influências mútuas ao longo do tempo? 2) As mudanças em uma dessas dimensões podem desencadear uma nova dinâmica que impacta outros problemas?

Cada um desses pontos programáticos exige cooperação internacional e uma reorientação da combinação entre planejamento e mercado implementada pelo capitalismo contemporâneo. Ambos os elementos - cooperação internacional e planejamento focados em objetivos sociais e humanos - têm características de uma dinâmica-liderada-pelos-bens-comuns.<sup>8</sup> Conectando a dinâmica-liderada-pelos-bens-comuns às notas metodológicas, essa nova dinâmica pode ser vista como consequência do fortalecimento de sementes visíveis do socialismo e do enfraquecimento de mecanismos autodestrutivos. O emaranhamento entre os seis pontos programáticos aqui discutidos é parte da discussão, difícil, de como essas reformas podem desencadear uma trajetória direcionada à superação do capitalismo. Cada um deles precisa articular-se com outros para ser bem-sucedido, mas cada uma das

---

<sup>8</sup> A dinâmica-liderada-pelos-bens-comuns é uma tradução exploratória da expressão “commons-led knowledge creation”, utilizada em Franco et al. (2022, p. 9), a partir da contribuição de Hess e Ostrom (2007). O parecer anônimo recebido da *Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política* traduziu commons por bens comuns, sugestão utilizada aqui.

propostas esbarra em forte resistência na lógica atual do sistema – por isso, cada ponto programático testa um limite da lógica capitalista. Assim, cada um dos pontos programáticos depende de uma forte mobilização social, democrática e internacional. Por sua vez, essa mobilização depende de uma elaboração programática capaz de orientá-la.

Uma dinâmica-liderada-pelos-bens-comuns pode ser definida como uma lógica que supera a relação cegamente guiada entre lucros e inovação que molda o capitalismo. Essa nova lógica implica algo que está presente em cada um dos pontos programáticos apresentados na seção quatro: uma reorientação de objetivos, com um impacto da orientação atual do progresso tecnológico.

As perspectivas do desenvolvimento de tecnologias relacionadas à inteligência artificial ilustram a necessidade e urgência desta reorientação do progresso tecnológico. Por um lado, há riscos de seu uso militar, de sua associação com autoritarismo e retrocessos democráticos, do uso de combustíveis fósseis para atender a demanda por energia. Por outro lado, há um enorme potencial de multiplicação de produtividade do trabalho combinado com redução de jornada de trabalho e eliminação de ocupações perigosas e insalubres.

Essa reorientação da direção do progresso tecnológico pode desencadear um uso mais criativo e inovador dos recursos científicos acumulados globalmente, certamente reforçado pelos ganhos advindos do aumento da cooperação internacional e de uma multinacionalidade compartilhada desses esforços.

Essas questões que articulam os pontos programáticos aqui discutidos, a sua articulação com os passos iniciais de uma dinâmica-liderada-pelos-bens-comuns e como essa dinâmica poderia superar a problemática dinâmica impulsionada pela busca do lucro são temas de pesquisa e elaboração futuros – não são temas de resposta simples, mas são decisivos.

Os tópicos de elaboração programática apresentados neste artigo são apenas uma pequena contribuição para um esforço colaborativo mais amplo para atualizar a orientação para as lutas sociais, respondendo a metamorfoses no capitalismo. Ressalte-se aqui que o objeto deste artigo é bem específico: tratar de temas derivados da intensificação da internacionalização, temas que certamente são parte de uma alternativa socialista mais completa e ampla – uma elaboração programática internacional coletiva e colaborativa que possa contribuir para reorganizar e recompor os movimentos sociais e a ação política. Por isso, a contribuição deste artigo estaria em destacar a necessidade de iniciativas internacionais de trabalhadores e auto-organização – invenção de novas formas de ação, novas instituições –, opinião pública global e esfera pública global, formação de instituições democráticas transfronteiras. No processo de formação e reconstrução de movimentos sociais, uma base democrática para esses avanços, é importante incluir no centro da elaboração e ação a dimensão internacional, para impulsionar a colaboração internacional de diferentes movimentos locais e uma percepção compartilhada de que um horizonte internacional é essencial para as lutas necessárias para enfrentar os desafios contemporâneos. As medidas iniciais do governo Trump, em janeiro de 2025, talvez destaquem a urgência desse esforço coletivo de elaboração programática – os seis pontos programáticos discutidos neste artigo são alternativas a medidas já tomadas ou sinalizadas pelo novo governo – uma oposição internacional a esse governo é uma necessidade, o que inclui e ultrapassa a oposição nos Estados Unidos: a hora de uma sociedade civil internacional.

## Referências

- ALBUQUERQUE, E. M. *Technological revolutions and the periphery: understanding global development through regional lenses*. Cham: Springer, 2023.
- ALBUQUERQUE, E. M.; FARIA, C. F. (2019) Uncontrolled predatory capitalism. *International Socialism: a quarterly review of socialist theory*, London, v. 164, p. 25- 47, 2019.
- ALEXANDER, J. D. Military conversion policies in the USA: 1940s and 1990s. *Journal of Peace Research*, v. 31, n. 1, p. 19-33, 1994.
- ARRIGHI, G. *O longo século XX: dinheiro, poder e as origens do nosso tempo*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro/São Paulo: Contraponto/Unesp, 1994 (1996).
- BANK FOR INTERNATIONAL SETTLEMENTS (2017). *87th Annual Report*. Basel: BIS (disponível em [www.bis.org](http://www.bis.org)).
- BANK FOR INTERNATIONAL SETTLEMENTS (2022) *Project mBridge: connecting economies through CBDC*. Basel: BIS (disponível em <https://www.bis.org/publ/othp59.pdf>).
- BEYAZAY-ODEMIS, B. (2016) *The nature of the firm in the oil industry: international oil companies in global business*. New York/London: Routledge.
- BINZ, C.; TRUFFER, B. (2017) Global innovation systems - a conceptual framework for innovation dynamics in transnational contexts. *Research Policy*, v. 46, p. 1284-1298.
- BLAKE, J. S.; GILMAN, N. (2024) *Children of a modest star: planetary thinking in an age of crises*. Stanford: Stanford University Press.
- BRENNER, R. *The economics of global turbulence: the advanced capitalist economies from long boom to long downturn, 1945-2005*. London/New York: Verso, 2006.
- BRZOSKA, M. Success and failure in defense conversion in the 'long decade of disarmament'. In: SANDLER, T.; HARTLEY, K.. *Handbook of defense economics*, volume 2. Amsterdam: North Holland, p. 1177-1210, 2007.
- CHAVES, C. V.; RIBEIRO, L. C.; SANTOS, U. P.; ALBUQUERQUE, E. M. Innovation systems and changes in the core-periphery divide: notes on a methodology to determine countries' trajectories using science and technology statistics. *Cepal Review*, v. 130, p. 43-61, 2020.
- COHEN, W.; LEVINTHAL, D. Innovation and Learning: the two faces of R&D, *The Economic Journal*, v. 99, n. 397, September: p. 569-596, 1989.
- DUNNING, J.; LUNDAN, S. *Multinational enterprises and the global economy*. Cheltenham: Edward Elgar (Second edition), 2008.
- EICHENGREEN, B. *Globalizing capital: a history of the international monetary system*. Princeton: Princeton University Press (Second edition), 2008.
- EICHENGREEN, B. *Exorbitant privilege: the rise and fall of the dollar and the future of the International Monetary System*. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- FRANCO, M. P. V.; MOLNAR, O.; DORNINGER, C.; LACINY, A.; TREVEN, M.; WEGER, J.; ALBUQUERQUE, E. M.; GATTI, R. C.; HERNANDEZ, A. V.; JAKAB, M.; MARIZZI, C.; MENENDEZ, L. P.; POLISELI, L.; RODRIGUEZ, H. B.; CANIGLIA, G.. Diversity Regained: precautionary approaches to Covid-19 as a phenomenon of the total environment. *Science of the Total Environment*, v. 825, p. 1-14, 2022.
- FREEMAN, C.; LOUÇÃ, F. *As time goes by: from the industrial revolution to the information revolution*. Oxford: Oxford University, 2001.
- FURTADO, C. Underdevelopment: to conform or to reform. In: MEIER, G. (ed) *Pioneers of development*. Second Series. Oxford: Oxford University/World Bank, 1987.

FURTADO, C. *Brasil: a construção interrompida*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FURTADO, C. *Metamorfoses do Capitalismo*. Rio de Janeiro: Discurso na Universidade Federal do Rio de Janeiro no recebimento do título de Doutor Honoris Causa, 2002.

GATTI, R. C.; MENÉNDEZ, L.P., LACINY, A., BOBADILLA RODRÍGUEZ, H., BRAVO MORANTE, G., CARMEN, E., DORNINGER, C., FABRIS, F., GRUNSTRA, N.D.S., SCHNORR, S.L., STUHLTRÄGER, J., VILLANUEVA HERNANDEZ, L.A., JAKAB, M., SARTO-JACKSON, I., CANIGLIA, G.. Diversity Lost: Covid-19 as a phenomenon of the total environment. *Science of the Total Environment*, v. 756, p. 144014, 2021.

GENEVA ACADEMY. Today's armed conflicts, 2024 (<https://geneva-academy.ch/galleries/today-s-armed-conflicts>).

GIBNEY, ELIZABETH. China's cheap, open AI model DeepSeek thrills scientists. *Nature*, 23 January 2025 (<https://www.nature.com/articles/d41586-025-00229-6>)

GUTTMANN, ROBERT. *Multi-polar capitalism: the end of the dollar standard*. Cham: Palgrave Macmillan, 2022.

HEINRICH, M. *An introduction to the three volumes of Karl Marx's Capital*. New York: Monthly Review Press, 2004 (2012).

HESS, C.; OSTROM, E. (eds) *Understanding knowledge as a commons: from theory to practice*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2007.

HIGGS, R. The Cold War economy: opportunity costs, ideology, and the politics of crisis. *Explorations in Economic History*, v. 31, p. 283-312, 1994.

HYMER, S. The efficiency (contradictions) of multinational corporations. *American Economic Review*, v. 60, n. 2, p. 441-448, 1970.

KAHNEMAN, D. *Thinking fast, thinking slow*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2013.

KALDOR, M. *New and old wars*. Cambridge: Polity Press (Third Edition), 2012.

KARA, S. *Cobalt red: how the blood of Congo powers our lives*. New York: St. Martin's Press, 2022.

KONDRATIEV, N. D. Long cycles of economic conjuncture. In: *The works of Nikolai D. Kondratiev*. Edited by N. Makasheva, Samuels, W.; Barnett, V. London: Pickering and Chato (1998), p. 25-60, 1926.

LEE, K. *The Art of Economic Catch-Up: barriers, detours and leapfrogging*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

LEE, K. *China's technological leapfrogging and economic catch up*. Oxford: Oxford University Press, 2022.

LEE, K. *Innovation-development detours for latecomers: managing global-local interfaces in the De-Globalization era*. Cambridge: Cambridge University Press, 2024.

LUXEMBURG, ROSA. *The Junius Pamphlet*, 1915. (<https://www.marxists.org/archive/luxemburg/1915/junius/ch01.htm>)

LUXEMBURG, ROSA (1918) *The socialization of society*. (<https://www.marxists.org/archive/luxemburg/1918/12/20.htm>)

MANDEL, E. (1972) *O Capitalismo Tardio*. Tradução de Carlos Eduardo Silveira Matos, Regis de Castro Andrade e Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

MARX, K. (1867) *Capital*. TRADUÇÃO PARA O INGLÊS DE Volume I. London: Penguin (1976)

McGUIRE, P.; PETER, G. von; ZHU, S. (2024) International finance through the lens of BIS statistics: the global reach of currencies. *BIS Quarterly Review*, June 2024 (<https://www.bis.org/publ/qtrpdf/rqt2406.htm>)

- MELO, BRUNO C. (2024) *A economia capitalista como sistema complexo: evolução de preços do trigo e emergência de estrutura fractal do mercado*. Belo Horizonte: Cedeplar-UFMG (Tese de Doutorado) (<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/74287>)
- MICHALOPOULOS, S.; PAPAIOANNOU, E. (2020) Historical legacies and African development. *Journal of Economic Literature*, v. 58, n. 1, p. 53-128.
- MOWERY, D. Military R&D and innovation. In: HALL, B.H.; ROSENBERG, N. *Handbook of The Economics of Innovation*. Amsterdam: Elsevier, p. 1219-1256, 2010.
- NACHTWEY, O.; BRINK, T. ten. Lost in transition: the German World-Market debate in the 1970s. *Historical Materialism*, v. 16, p. 37-70, 2008.
- NEUSSÜS, C. *Imperialismus und Weltmarktbewegung des Capitals*. Erlangen: Politlagen, 1972.
- NOBEL PRIZE COMMITTEE. The Nobel Prize in Physics 2021, 2021 (<https://www.nobelprize.org/prizes/physics/2021/summary/>)
- OECD. *Interconnected economies: benefiting from global value chains*. Paris: OECD, 2013.
- PANITCH, L.; GINDIN, S. *The making of global capitalism: the political economy of American Empire*. London: Verso, 2012.
- PIKETTY, T. *Capital in the Twenty-First Century*. Cambridge/London: The Belknap Press of Harvard University Press, 2013 (2014).
- PORTER, R. *The greatest benefit of mankind: a medical history of humanity*. New York/London: W.W. Norton, 1998.
- PREOBRJENSKY, E. *Nova economica*. Tradução de Leoncio Martins Rodrigues. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1926 (1979).
- ROBINSON, W. I. *A theory of global capitalism*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 2004.
- RODNEY, WALTER. *How Europe underdeveloped Africa*. London: Verso, 1972 (2018)
- ROSDOLSKY, R. *The Making of Marx's Capital*. Eastbourne: Pluto Press, 1968 (1989).
- ROSENBERG, N. Uncertainty and technical change. In: LANDAU, R.; TAYLOR, T.; WRIGHT, G. *The mosaic of economic growth*. Stanford: Stanford University, 1996.
- ROSENSTEIN-RODAN, P. N. *Natura facit saltum: analysis of the disequilibrium growth process*. In: MEIER, G.; SEERS, D. (eds). *Pioneers in development*. Oxford: Oxford University/World Bank, pp. 207-221, 1984.
- RUBIN, I. *Essays on Marx's theory of value*. Delhi: Aakar Books, 1929 (2008).
- RUSSEL, S.; NOVIG, P. *Artificial intelligence: a modern approach – 4th edition*. Hoboken: Pearson, 2020.
- SCHENK, C. R. *The decline of sterling: managing the retreat of an international currency, 1945-1992*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- SHATZ, A. *A clínica rebelde: uma biografia de Franz Fanon*. Tradução de Érika Nogueira Vieira. São Paulo: Todavia, 2024.
- SMITH, J. (2016) *Imperialism in the twentieth-first century: glob alization, super-exploitation, and capitalism's final crisis*. New York: Monthly Press Review.
- SIMON, H. (1978) Rationality as process and as product of thought. *American Economic Review*, v. 68, n. 2, p. 1-16.
- SIMON, H. (1991) Organizations and markets. *Journal of Economic Perspectives*, v. 5, n. 2 p. 25-44.
- SIPRI. *SIPRI Yearbook 2024*. Stockholm: SIPRI, 2024.
- SOARES, LAURA R.A. *Lock-in in Brazil's automotive fuel market: a basis for effective energy transition policies*. Tese de Doutorado. Cedeplar-UFMG, Belo Horizonte, 2024.

THE ECONOMIST (2024) (<https://www.economist.com/special-report/2024/10/14/the-shale-revolution-helped-make-americas-economy-great>), 2024.

TOOZE, A. *Crashed: how a decade of financial crises changed the world*. New York: Viking, 2018.

TOOZE, A. *Shutdown*. New York: Viking, 2021.

TRAJTENBERG, M. Artificial intelligence as the next GPT: a political-economy perspective. In: AGRAWAL, A.; GANS, J.; GOLDFARB, A. (eds) *The economics of artificial intelligence: an agenda*. Chicago/London: The University of Chicago Press, p. 175-188, 2019.

UNCTAD. *World Investment Report 2005 – Transnational corporations and the internationalization of R&D*. Geneva: United Nations Conference on Trade and Development, 2005.

UNCTAD. *World Investment Report 2006 – FDI from developing and transition economies: implications for development*. Geneva: United Nations Conference on Trade and Development, 2006.

UNCTAD. *World Investment Report 2013 – Global value chains: investment and trade for development*. Geneva: United Nations Conference on Trade and Development, 2013.

WADE, R. From global imbalances to global reorganizations. *Cambridge Journal of Economics*, v. 33, n. 4, p. 539-562, 2009.

WONG, C.; YEUNG, H.W.; HUANG, S.; LEE, K.. Geopolitics and the changing landscape of global value chains and competition in the global semiconductor industry: rivalry and catch-up in chip manufacturing in East Asia. *Technological Forecasting & Social Change*, v. 209, 123749, 2024.

WORLD BANK. *Migrants, refugees and societies: world development report 2023*. Washington: World Bank, 2023.